

Meio social, família e classe operárias*

Ana Nunes de Almeida**

Resumo: Sob o pano de fundo de uma visão crítica das abordagens que a sociologia da família faz à "família operária" procura-se, neste artigo, aproximar os resultados a que conduziu um Inquérito à População Operária Activa no Barreiro em 1988, de alguns temas e problemas que a teoria das classes sociais tem chamado a si. Abordar, como aqui se procura, os grupos domésticos operários a partir da sua posição social, ao mesmo tempo que renova e problematiza algumas dominantes maneiras de entender a sociologia da família significa interpelar e enriquecer também, pelas novas dimensões da realidade que põe a nu, a própria sociologia das classes. De facto, e se é verdade que uma visão atomista da estrutura social do concelho do Barreiro dá dos seus operários uma imagem fechada da classe "pura e dura", reproduzindo-se em bloco de geração em geração, abordá-la a partir do grupo doméstico (de orientação ou de procriação) introduz perturbações naquele modelo: não só encontramos as clivagens que perturbam a unidade da classe e a evidência do seu relativo fechamento, como ainda deparamos com significativos sinais de abertura - a outras classes (quer a montante como a jusante) ou a outros universos profissionais (ao lado).

1. Olhares sobre a família operária²

A "família operária" não constitui actualmente, no campo das Ciências Sociais, um tema especialmente popular. Pura e simplesmente esquecida na sociologia da família norte-americana³ é também marginal, aliás, a reflexão teórica mais ampla sobre o par "classe" e "família" na sociologia europeia. As profundas transformações materiais e culturais que afectaram, desde os anos 60, as sociedades ocidentais e nomeadamente os seus tecidos industriais, parecem efectivamente ter remetido o grupo que os operários constituem para uma posição à margem dos grandes desafios da mudança e da modernidade, condenando-os ao mesmo tempo a um estatuto de invisibilidade social e científica. Esta indiferença actual é tanto mais interessante de assinalar quanto se sabe como, há alguns anos atrás, os operários e as suas condições de vida representavam, em numerosas correntes de investigação, um dos temas mais abordados.

Também no promissor domínio das Ciências Sociais portuguesas, só mais recentemente iniciadas na problematização e no estudo empírico dos comportamentos e das representações familiares, apenas dispomos de escassas referências

* Ver nota 1

** Investigadora auxiliar, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

ou dados relativos à família operária de meio urbano. Efectivamente, têm sido a família rural, em diferentes contextos regionais e nas suas várias modalidades de organização em torno da propriedade agrícola, ou mesmo a família de camponeses parciais, já com formas de articulação ao salário industrial, a monopolizar a atenção dos especialistas. Só a história social tem focado, ainda que indirecta ou pontualmente, o nosso objecto. As condições materiais de vida e de trabalho da classe operária portuguesa, as suas formas de organização e participação políticas no passado constituem, no entanto, os seus temas privilegiados. Curiosamente, aliás, o quotidiano privado dos operários é encarado por certos autores com uma certa suspeita, já que não raro se pressupõe que a família constitui um obstáculo conservador à militância política ou sindical da classe. No caso dos operários, classe e família seriam, pois, duas realidades em divórcio⁴.

Acresce ainda que, enquanto objecto marginal de conhecimento científico, parece pesar sobre a família operária um pressuposto teórico que a considera um produto híbrido e atípico face a outros modelos familiares, pelo contrário puros e genuínos, próprios de outros grupos sociais. De facto, no discurso dominante das Ciências Sociais, a família das "classes populares" tem vindo a desempenhar um papel francamente menor face a outros modelos a que se destinam papéis de primeira grandeza. São eles, no passado, a "família camponesa" de Antigo Regime ou a "família burguesa" da moderna cidade industrial; e, mais próximo de nós, a "família" das chamadas "classes médias" urbanas. Entre a especialidade de umas e a originalidade de outras, "a família operária" acaba por se tornar uma espécie de terra de ninguém, que se pensa e problematiza a partir de princípios, de questões ou de temas que constituíram o campo de estudo das outras e fizeram não só a sua autonomia como ainda a sua originalidade.

Diríamos portanto, não hesitando em vincar posições extremas, que a família operária surge, as mais das vezes, como o resultado de um processo lógico de dedução cujo ponto de partida não se situa na realidade mas num modelo construído para outro grupo social. Como se a hibridez ou a simplicidade deste tema dispensassem o estudo rigoroso de situações concretas. E assim, através de um conjunto de operações lógicas simples (em duas versões: dedução pela negação ou pelo conformismo), raras vezes completadas ou apoiadas num sério controlo empírico, constróiem-se os vários tipos de família operária: uma "família cópia", uma "família disciplinada" ou, ainda, uma "família alternativa"⁵.

Outro foi o caminho desta pesquisa. Admitindo, primeiro, que a família operária é um lugar onde se podem gerar, conservar ou reconverter estratégias familiares próprias, articuladas ao contexto material da sua existência. Optando, depois, por localizar o estudo da família operária num recanto particular do tecido industrial português (o concelho do Barreiro). Preocupando-se, sobretudo, em definir novos postos de observação daquela realidade. Não tratámos portanto de comparar a família operária a um outro modelo de família ou a traços familiares dispersos característicos de outros grupos sociais. Mas, pelo contrário, foi a relação entre a fábrica e o grupo doméstico operário, amarrada ao contexto da produção

material e da estrutura social, sucessivamente abordada e construída em diferentes níveis e tempos da realidade, que proporcionou o fio condutor a toda a investigação.

Na aproximação à realidade local, fizémos assim uso de três olhares. Um olhar à distância e à superfície, em primeiro lugar, em que procurámos reconstituir, numa extensão de tempo relativamente longa (o tempo da experiência industrial do Barreiro) o espaço económico, o tecido social e o regime demográfico do concelho ribeirinho, inserindo-o no contexto mais vasto do continente português. Um olhar em profundidade, depois, através do qual privilegiámos o estudo minucioso e intensivo das estratégias familiares de duas franjas operárias do Barreiro, em articulação com as suas práticas de trabalho e os modos de organização da produção na fábrica - os corticeiros no anos 20 e os operários da Companhia União Fabril de meados do século (dois grupos em particular: operários metalúrgicos e operárias têxteis). Finalmente, um olhar para longe. Partindo do presente e estendendo-se tanto para trás como para a frente, este privilegiou, por seu turno, a reconstituição sistemática de genealogias familiares e destinos operários no Barreiro, no ano de 1988.

2. Família e Classe

É sobre aquele último olhar para longe que nos vamos centrar neste artigo, aproximando os resultados a que ele nos conduziu de alguns temas e problemas que a teoria das classes sociais tem chamado a si. Operação encorajada pelo posto de observação da família operária que tomámos à partida, ela permite ilustrar, ao mesmo tempo, a cumplicidade fecunda que se pode estabelecer entre uma jovem sociologia da família e aquele mais maduro campo disciplinar. Não porque, como escreveu provocatoriamente um dia P. Goubert, o estudo da família apenas consista "numa recusa disfarçada em estudar os grupos sociais fundamentais que eu entendo serem as classes, quer se aceite ou não uma definição marxista"...⁶. Mas na medida em que abordarmos os grupos domésticos operários a partir da sua posição social, ao mesmo tempo que renova e problematiza dominantes maneiras de entender a sociologia da família, significa interpelar e enriquecer também, pelas novas dimensões da realidade que põe a nu, a própria sociologia das classes.

Adivinham-se, desde logo, proximidades e contactos entre essas duas realidades - família operária e classe social. Aliás, considerar o grupo doméstico (e não o indivíduo) a unidade de análise e o ponto de partida para o estudo da classe é um princípio cuja pertinência teórica e fecundidade metodológica já têm sido demonstradas pela recente produção sociológica (entre outras a portuguesa⁷).

Lugar, nomeadamente, da reprodução da vida e dos braços para o trabalho, para a família conflui "um conjunto de efeitos sociais diferenciados" ao mesmo tempo que nela se estruturam "práticas socialmente significativas"⁸. A proximidade desta realidade com a da classe, entendida como configuração histórica definida por uma certa posição nas relações sociais de produção e na divisão social

do trabalho, identificando protagonistas de práticas e processos sociais, torna-se portanto e genericamente óbvia. Mas, no caso que nos ocupa, a cumplicidade assume uma dimensão particular e mais profunda. O próprio cenário em que decorreu a presente investigação predispunha a este contacto. Primeiramente, o tema e a sua contextualização. O estudo de famílias, de estratégias e de genealogias familiares operárias foi propositadamente localizado num ponto preciso do espaço social português. Esta investigação recusou efectivamente encerrar, a priori, a relação entre a fábrica e a família operária numa fórmula universal, deduzindo depois o todo da pequena parte. Aceitámos, pelo contrário, a hipótese da sua diversidade, já que nem os operários constituem um grupo perfeitamente homogéneo nem a industrialização se processa segundo uma lógica única⁹. O Barreiro, com a sua população operária e a sua experiência industrial, foi o espaço e o contexto escolhidos. Assim, os grupos domésticos, que procurámos captar enquanto totalidades, tinham aqui protagonistas concretos: os operários barreirenses.

Mas era também e em segundo lugar, o fio condutor, isto é, o ângulo sob o qual as estratégias familiares operárias iam ser aproximadas (na sua articulação com as experiências da fábrica e do trabalho industrial assalariado) que encorajou essa proximidade. Os protagonistas ocupavam lugares na estrutura social, tomavam posição nas relações sociais de produção.

E era, finalmente, o espaço, o local concreto onde lugares e protagonistas se situavam: o Barreiro, vila e depois cidade que cresce à sombra de uma experiência industrial a assumir proporções impressionantes e inéditas no pequeno país que é Portugal. Na história da industrialização portuguesa e no diversificado e especializado espaço económico a que ela dá origem, o Barreiro surge, em plena bacia do Tejo, como um dos excepcionais, mais remotos (e talvez derradeiros) exemplos de uma grande concentração industrial no nosso país. Os contornos excessivos e dramáticos de que se revestiu esse crescimento trouxeram sem dúvida para o primeiro plano da análise a realidade específica das classes sociais em presença neste espaço. O primeiro olhar que adoptámos na pesquisa, à superfície e à distância, permitiu-nos, aliás, caracterizar e reconstituir, em traços gerais, as componentes maiores do modo de industrialização local e da sua população industrial.

3. Fábricas e operários

A antiguidade da experiência barreirense, que se desenrola há já mais de 100 anos, é sem dúvida um dos seus principais atributos peculiares. Despoletado pela localização dos primeiros fabricos de cortiça em meados do século passado, muito provavelmente já antecedido por uma florescente indústria moageira e fortemente encorajado pela instalação do terminus e das Oficinas do Sul e Sueste (em 1863), o impressionante crescimento industrial deste concelho, sustentado depois pelos

ramos das indústrias química, metalomecânica, dos transportes e têxtil pesada, só parece conhecer um relativo declínio a partir de 1973.

A grande indústria destruiu no Barreiro o meio rural, as tradicionais actividades piscatórias locais e produziu uma enorme cidade. Não encontramos aqui, como em outras regiões do país, cumplicidades dinâmicas entre o trabalho na fábrica e o trabalho no campo - mas anulação completa deste pelo crescimento do outro. A indústria transformadora e a dos transportes impõem-se efectivamente, e durante décadas a fio, com uma supremacia absoluta sobre as restantes formas de actividade¹⁰. A pequena vila de meados de oitocentos tornou-se, em apenas algumas décadas, uma impressionante concentração espacial de população à custa dos migrantes que, aos milhares e naturais sobretudo dos campos da grande propriedade do Sul do país, acorreram às fábricas desta "terra prometida"¹¹.

Neste espaço, a presença quantitativa de operários na população local conserva-se notável durante décadas a fio. Um conjunto de indicadores macro-sociais (que descem até ao nível do concelho, mas que o trabalha apenas como um somatório de indivíduos) permitiram-nos esclarecer algumas das suas características. Ainda em 1981, e numa fase já de relativo declínio e reconversão do tecido industrial local, os "operários industriais" constituem 45% do total da população residente activa com profissão (contra os 53% de 1970 e os 62% do ano de 1960)¹². Mas também a sua presença qualitativa se reveste, no contexto português, de aspectos relativamente excepcionais e inéditos. Estes são, e ao contrário de extensas franjas de trabalhadores de fábrica de outras regiões industriais do país, operários sem terra e sem ligação estrutural à propriedade agrícola. Predominantemente homens e adultos, dispõem de alguns capitais escolares e profissionais; bem remunerados, gozam de um sistema consolidado de protecção e assistência social. A tradição de laicismo, o voto à esquerda (isto é, no Partido Comunista Português¹³), são ainda traços que completam esta sua personalidade vincada.

Construída a partir daquele conjunto de indicadores (que privilegiam, obviamente, uma visão atomista da realidade), surgia-nos assim uma classe operária "pura e dura", com a qual nos parecia conceptualmente fácil e pacífico de lidar. Ali tínhamos um exemplo de uma das históricas "classes fundamentais" do capitalismo, com um "lugar não contraditório de classe" no modo de produção capitalista¹⁴ - "os proletários" que para sobreviver dispõem apenas da sua força de trabalho, vendida a troco de um salário¹⁵. Classe que, entretanto, supunhamos nós também, se reproduziria, impenetrável e em bloco, de geração em geração.

A reconstrução sistemática das genealogias familiares dos actuais operários do Barreiro, homens e mulheres, problematizou e enriqueceu, porém, esta imagem de partida da classe operária local, demasiado esquemática e linear¹⁶ - na qual víamos sobretudo rigidez e fechamento no espaço social, por um lado; e estabilidade e longevidade no tempo, por outro.

4. Genealogias

Em que consistiu, na prática, aquela operação de reconstituição de genealogias?

Partindo do universo dos actuais operários barreirenses, homens e mulheres (Ego, por definição), escolhemos um conjunto de parentes sobretudo acima (pai e mãe), ao lado (cônjuge, mas também sogro e sogra) ou abaixo (filhos e filhas, genros e noras) destes operários e localizámo-los no espaço social a partir de um certo número de coordenadas. Entre elas, e já que o ponto de vista que nos interessa agora é o da classe social, gostaríamos de destacar: a naturalidade, a idade, o local da residência, a condição perante o trabalho, a ocupação (principal, anterior e complementar), a situação na profissão e a habilitação escolar.

Durante os meses de Maio e Junho de 1988 foi lançado um grande Inquérito por Questionário à população operária então activa nas fábricas e oficinas do concelho do Barreiro. Não tendo sido possível construir uma amostra probabilística do universo sondado¹⁷, recorremos a uma sondagem por quotas (duas: o sexo e o local de trabalho do operário). Mobilizando cerca de 20 entrevistadores recrutados entre estudantes das licenciaturas de Sociologia e Antropologia do ISCTE, bem como alunos do 12º ano da Escola Secundária de Santo André no Barreiro, os 1017 inquéritos foram realizados junto aos portões das diversas fábricas, durante os dias de semana, aos sábados e domingos.

Entre muitas outras informações, a construção sistemática dos mapas familiares permitiu-nos chegar a três conclusões que passaremos a enumerar e que reforçam, aliás, algumas regularidades que já detectáramos nos estudos em profundidade de corticeiros e operários da Companhia União Fabril.

Em primeiro lugar, a população operária local não constitui um bloco homogéneo¹⁸. Sexo, idade, naturalidade, capital escolar e origem social, por exemplo, introduzem clivagens muito significativas no contingente local de trabalhadores da indústria do Barreiro. No interior deste grande grupo operário, que partilha uma posição nas relações de produção, encontramos pois sinais de diversidade que respeitam algumas das suas "propriedades secundárias ou auxiliares"¹⁹ e que identificam "franjas" protagonistas de condições de vida distintas.

Assim, e entre as franjas socialmente mais privilegiadas, contam-se os homens, os mais jovens, os indivíduos naturais do concelho do Barreiro, nascidos já em famílias operárias, que frequentaram níveis de instrução acima do primário (cursos industriais, ciclo preparatório, a 6ª classe ou mesmo alguns anos do liceu) e que encontramos nas profissões operárias mais "nobres". São os serralheiros mecânicos, os electricistas, os encarregados e os serralheiros civis das indústrias metalomecânica, química e dos serviços de reparação e manutenção de motores e máquinas. Pelo contrário, e no extremo oposto, surgem-nos as mulheres, os mais velhos, indivíduos naturais de concelhos e distritos exteriores ao Barreiro, nascidos em famílias rurais e que, não sendo analfabetos, raramente ultrapassam o nível da 4ª classe. São as embaladoras, fazedoras de malhas e tecedeiras, empregadas nas indústrias alimentar, química e têxtil.

A reconstituição daquelas genealogias permitiu-nos constatar, depois, que a proximidade e abertura relativas deste bloco operário a outros grupos profissionais, dentro do predominante universo do trabalho assalariado, se revestiam de algum significado. Este é um resultado que problematiza, obviamente, a imagem de uma classe operária local de contornos perfeitamente vinculados e acentuadamente fechada sobre si própria. Reportando-nos a cada uma das três gerações (pais, Ego e filhos) daremos três exemplos deste facto.

4.1. A montante

Embora encontremos 20% de operários cujos pais são "filhos do Barreiro" ou que nasceram num outro concelho ribeirinho vizinho (como Almada, Seixal, Moita, Montijo ou Alcochete), a grande maioria de pais e mães de ego são naturais da Província portuguesa mais distante. Uns 39% são originários de distritos do Sul do País (entre os quais se destacam Évora e Beja), outros 18% dos distritos do Norte e Centro interiores. Na perspectiva da definição de uma "trajectória modal" de classe no tempo²⁰, estes dados sugerem uma ligação relativamente próxima da classe operária barreirense ao meio rural.

Se reconstituirmos agora o perfil profissional dos grupos domésticos de orientação de Ego (conjugando a "condição perante o trabalho", a "ocupação principal", a "situação na profissão" do seu Pai e Mãe), a abertura a outras classes sociais na geração imediatamente a montante não só se torna mais evidente como surge mais detalhada. Consultemos o Quadro 1.

Quadro 1 A composição profissional dos grupos domésticos de orientação (%). Ego.

Tipo de grupo doméstico	%	Rank
Grupo 1: Pai operário + mãe doméstica	27.9	1
Grupo 2: Pai operário + mãe operária	15.1	3
Grupo 3: Pai operário + mãe empregada dos serviços aos particulares	8.3	5
Grupo 7: Pai comerciante ou emp. serv. adminis. + mãe doméstica ou activa com profissão não agrícola. Mãe comerciante ou emp. serv. adminis. + pai com profissão não agrícola	13.9	4
Grupo 4: Pai trab. agrícola + Mãe trab. agrícola	19.3	2
Grupo 5: Pai agricultor + Mãe agricultora	8.3	5
Grupo 6: Pai e Mãe camponeses parciais	7.2	7
Total	100.0	

n = 1017

Fonte: Inquérito à Pop. Operária Activa no Barreiro, 1988.

Cerca de metade dos actuais operários do Barreiro nasceu, como podemos notar, em famílias operárias. Estas não se filiam, contudo, num único tipo. Às famílias operárias que podemos considerar fechadas (nas suas duas versões: pai operário + mãe doméstica, pai operário + mãe operária) junta-se um pequeno número de famílias operárias abertas ou mistas - as que são constituídas por um pai operário e uma mãe empregada dos serviços aos particulares. Já outro lote de operários nasce, porém, em meios exteriores à condição operária urbana. Destacam-se, por um lado, os 35% que nasceram em famílias rurais - 19% em famílias de trabalhadores agrícolas, 8% em famílias de agricultores e 7% em famílias de camponeses parciais. E, por último, os 14% que nasceram em famílias de empregados de comércio ou empregados administrativos.

A discriminação destes vários tipos de famílias de origem permite-nos, em primeiro lugar, definir os espaços sociais de recrutamento dos operários do Barreiro. Podemos afirmar, assim, que um primeiro espaço, de dentro, hoje em dia o mais vasto, é constituído pelas famílias já iniciadas, total ou parcialmente, na condição operária ou em condições profissionais urbanas relativamente próximas desta, como é certamente o caso do pequeno comércio local ou dos serviços pessoais e administrativos por conta de outros. Um segundo espaço, de fora, mas mais apertado, é predominantemente composto por famílias fixas ainda em meio rural e ligadas, sobretudo pelo salário, ao trabalho dos campos. A constituição do operariado local resulta pois da desigual contribuição destes dois grandes espaços sociais. Facto a sugerir-nos que, a par de uma reprodução interna da condição operária de uma para outra geração, se mantém uma permanente renovação pela vinda ininterrupta de contingentes migratórios do exterior.

Depois, é importante sublinharmos que o facto de se nascer num ou noutro tipo de arranjo familiar pode condicionar fortemente o destino social desses operários na comunidade. Na verdade, cada uma destas famílias transmite heranças desiguais aos seus filhos. São justamente os operários nascidos em famílias operárias ou em famílias de empregados executantes que se associam às franjas mais privilegiadas da comunidade operária local, enquanto os que nascem em famílias rurais tendem a aproximar-se das fracções socialmente mais penalizadas.

4.2. Ao lado

O casamento, porque constitui uma aliança entre dois parceiros conjugais portadores de heranças e protagonistas de condições sociais determinadas, é outra situação em que podemos explorar a questão da abertura ou do fechamento do meio operário barreirense relativamente a outros universos profissionais. A caracterização da origem e da posição social do cônjuge de Ego é por isso um dos seus indicadores preciosos. A este propósito, o Inquérito revelou-nos que a homogamia se impõe, aqui também, como uma das componentes maiores das estratégias matrimoniais operárias. Mas tal não significa que todos os operários se casem rigorosamente entre "iguais". Um lote significativo fá-lo, afinal, com "semelhantes".

Quadro 2 Os tipos de grupos domésticos de procriação (%). Ego

Operário + doméstica	30.7
Operário + operária	30.2
Operário + empr. serv. particular	12.0
Operário + empr. comer/empr. administrativo	22.0
Operário + empr. prof. intermédias	5.1
	100.0
Fonte: IPOAB, Maio - Junho 1988	n =997

No Quadro 2 sintetizamos os resultados da reconstrução dos perfis profissionais dos grupos domésticos de procriação de Ego (seguindo critérios idênticos aos definidos para a geração anterior). Podemos constatar que, a par de um "núcleo duro" de operários (rondando os 60%) que constitui famílias operárias fechadas (relativamente bem repartidas pelas duas modalidades: operário + operária e operário + doméstica), um outro grupo (que ascende a 40%) vem a constituir famílias operárias abertas ou mistas. Neste conjunto, cabem não só os arranjos compostos por operário + empregada dos serviços aos particulares, como por operário + empregada do comércio ou administrativa mas também, e no que representa uma novidade relativamente à geração anterior, os formados por um operário e uma empregada das profissões intermédias.

Podemos portanto admitir que o meio operário barreirense renova, através do casamento dos seus protagonistas, uma cumplicidade total com o trabalho assalariado e uma relativa abertura a universos profissionais que, se não lhe são perfeitamente idênticos, se situam num espaço tradicionalmente próximo do seu. Limitando-nos a este corte sincrónico, isto é, se nos situarmos exclusivamente no tempo curto da geração de Ego e excluirmos o caso inédito das "profissões intermédias", pensamos que esta "abertura" não será sinónimo de uma "subida significativa e imediata para níveis sociais "acima" da condição operária. Não haverá por enquanto ascensão mas sobretudo translação e permeabilidade a recantos vizinhos do espaço local. Sabemos, aliás, como é genericamente notável a proximidade entre aqueles dois grandes universos profissionais²¹. À excepção da taxa de feminização, indicadores como a idade, o montante do salário ou o diploma escolar tendem a aproximar fortemente as duas categorias dos operários industriais qualificados e a dos empregados executantes.

Em contrapartida, e se nos situarmos no tempo mais longo de duas gerações, isto é, se avançarmos para a geração dos filhos, constatamos que as famílias operárias mistas se associam com maior frequência a percursos escolares mais longos e a certo tipo de profissões claramente distanciadas e mais valorizadas relativamente às operárias. É que nelas se depositavam, de facto, origens e posições

sociais mais favorecidas, superioridade que lhes confere essa maior facilidade de aliança em meios exteriores ao operário. Os efeitos da abertura, se são ténues no tempo da geração que a protagoniza, vêm, uma geração mais tarde, claramente ao de cima.

4.3. Abaixo

Das variáveis de caracterização com que trabalhamos no Inquérito, uma única parece aglutinar num todo a população operária barreirense em 1988: as estratégias de fecundidade dos casais. Na verdade, os resultados que conseguimos apurar revelam-nos que a esmagadora maioria opta por uma reduzida descendência: encontramos um (38%) ou, no máximo, dois (42%) filhos por casal. As famílias com três ou mais crianças (9,4%) tornam-se hoje uma verdadeira raridade.

Este é sem dúvida um sinal da considerável aceitação e generalização do controlo dos nascimentos numa população operária relativamente instruída e de condição urbana, práticas fortemente encorajadas não só pelas sólidas e estáveis relações dos grupos domésticos com a fábrica, mas também pelo crescimento local de ramos industriais de ponta que exigem mão-de-obra altamente qualificada. Neste contexto, a passagem da criança pela escola torna-se uma etapa decisiva na sua socialização. E, na verdade, os filhos dos operários de hoje constituem o primeiro contingente de rapazes e raparigas de origem operária que realizam um percurso escolar cujo limite se tende a fixar, cada vez mais, nos últimos anos do liceu. Registemos, a título de exemplo, que na faixa etária dos 6-15 anos, 99% destas crianças são "estudantes", enquanto apenas quatro "exercem profissão" no momento da realização do Inquérito.

No Quadro3 sintetizamos entretanto os resultados relativos às habilitações escolares dos filhos mais velhos de Ego com mais de 16 anos, bem como a sua condição perante o trabalho. Confirmamos que a permanência na escola é, com toda a evidência, uma etapa longa e central no processo de socialização destes jovens, a preceder uma entrada mais tardia no mercado de trabalho. Este é um dado que, só por si, nos sugere um corte significativo com a geração operária anterior²². Por outro lado, e num contexto de recessão e reconversão industrial como é há vários anos o da Margem Sul, a posse de diplomas escolares de níveis mais avançados contribuirá não só para facilitar o acesso a profissões operárias qualificadas (como as que requer uma fábrica tecnologicamente reconvertida), mas também para alargar o leque de profissões não-operárias acessíveis às novas gerações.

Sublinhemos, por outro lado, que são justamente os filhos provenientes de famílias operárias mistas (e muito particularmente das abertas aos empregos administrativos e às profissões intermédias) que estudam até mais tarde, enquanto entre os que nasceram em famílias operárias fechadas são superiores as percentagens de activos mais jovens.

As profissões dos filhos mais velhos activos (e não esqueçamos que estes representam cerca de 45% do total) encontram-se discriminadas no Quadro nº4.

Quadro 3 Habilitação escolar e condição perante o trabalho (%). Filho mais velho de Ego com mais de 16 anos

Habilitação escolar		Condição perante o trabalho	
1. Liceu completo/incompleto	66.5		
2. Ensino primário completo, ciclo preparatório completo/incompleto	13.6	1. Exerce profissão	45.3
3. Curso superior completo/incompleto	11.5	2. Estudante	39.4
4. Curso comercial ou industrial completo/incompleto	4.4	3. Doméstica/procura o 1º emprego/faz a tropa	15.3
5. Curso médio completo/incompleto	3.1		
Outro / não sabe	0.9		
	100.0		100.0

Fonte: IPOAB, Maio - Junho 1988

n=444

Assinalemos, entretanto, e no que representa um traço de extraordinária continuidade com as gerações de pais e avós, que a esmagadora maioria trabalha por conta de outros (só três se declaram na situação de "isolados").

Podemos concluir que cerca de 43% dos filhos são, à data da realização do Inquérito, trabalhadores da produção e da indústria transformadora, dando portanto continuidade à profissão do pai ou da mãe. Outros 47% escapam, porém, a esta condição operária, preenchendo um conjunto de categorias profissionais que costumam identificar-se à pequena burguesia de execução: são vendedores e pessoal dos serviços aos particulares (20%), empregados administrativos (18%) ou de profissões intermédias (9%). Profissões que, afinal, encontrávamos também no universo dos cônjuges de Ego. Por último, e no que representa um corte radical com a geração anterior, notamos que 4,5% de jovens, possuidores de uma profissão científica ou intelectual, resvalam para as franjas da pequena burguesia técnica e de enquadramento.

Podemos portanto admitir, em síntese, que a abertura a categorias profissionais não operárias (onde todavia o trabalho por conta de outrém detém um predomínio absoluto sobre as outras situações na profissão) constitui um elemento constante nas três gerações da amostra. Sintetizemos os principais resultados obtidos. Acima, a raiz rural recente, exterior à condição operária, é um traço dominante para boa parte das franjas operárias. Ao lado, as alianças que se estabelecem no momento do casamento conduzem frequentemente à formação de famílias operárias mistas. E logo abaixo, finalmente, muitos dos filhos e filhas de operários escapam também à condição profissional dos seus pais.

Quadro 4 A profissão do filho mais velho activo de Ego (%)

A profissão	
1. Trabalhadores da produção da indústria transformadora	43.0
Serralheiros civis, soldadores, caldeireiros e bate- chapas	6.5
Electricistas e trabalhadores similares da electricidade	6.5
Encarregados e chefes de turno	5.0
Forjadores e serralheiros mecânicos	4.5
Condutores de veículos de transporte	3.0
Outros: op. químicos, têxteis, do fabrico, de produtos alimentares, ajustadores/montadores e mecânicos	17.5
2. Vendedores e pessoal dos serviços aos particulares	19.6
Vendedores e caixeiros, cabeleireiros e esteticistas, pessoal de limpeza, porteiros, guardas e similares	
3. Empregados administrativos	18.1
Funcionários públicos, dactilógrafas, contínuos, operadores de máquinas de registo de dados, empregados bancários	
4. Profissões intermédias	9.0
Técnico das ciências físico-químicas, desenhadores, enfermeiros, pessoal docente	
5. Pessoal das profissões científicas e intelectuais	4.5
Pessoal docente do ensino secundário, engenheiros mecânicos, médicos, pessoal docente do ensino universitário	
6. Outras (não sabe)	5.8
	100.0

Fonte: Maio, Junho 1988

n=196

Encadeados num tempo familiar, estes resultados sugerem o facto de a condição operária poder ser apenas um momento relativamente fugaz na história de uma família ou de gerações que se sucedem. Parece-nos assim legítimo admitir a existência de itinerários de passagem pela condição operária - trajectórias mais longas e duráveis para um certo número de famílias; trajectórias curtas e irregulares, para outro conjunto²³.

5. Pontos finais

Limitadas em certas versões reducionistas a uma visão meramente dicotômica da estrutura de classes (polarizadas na oposição exploradores/explorados e aceitando quando muito a realidade das "classes de transição"), as novas correntes marxistas têm vindo porém a admitir e a conceptualizar a existência das chamadas novas classes "médias" do capitalismo. Fruto da sua visibilidade e protagonismo crescentes na cena social, o tratamento conceptual destas "classes do meio", com "lugares contraditórios" nas relações de produção, veio enriquecer a arquitectura e o conteúdo de velhos edifícios teóricos. Problematisou, nomeadamente, os sistemas classificatórios que entendiam as classes como realidades exclusivas e lhes conferiam contornos perfeitamente vinculados. O mesmo sucedeu com outras configurações históricas cuja presença e dinamismo em certos pontos do tecido social se impõem com uma persistente teimosia. Especialmente relevante num país como Portugal, lembremos justamente o caso "híbrido" dos "camponeses parciais" que combinam uma situação camponesa com o exercício de outra actividade económica (por exemplo o trabalho na fábrica), que juntam a posse da propriedade agrícola com o salário industrial.

A classe operária de meio urbano não tem causado, à semelhança dos exemplos espúrios que acabámos de referir, significativas perturbações à teoria das classes. Na verdade, e se adoptarmos uma visão meramente atomista daquele grupo, a sua personalidade e os seus contornos tendem a revelar-se em moldes clássicos extremamente vinculados e puros. Muito embora se possa admitir a existência de fracções desigualmente privilegiadas em função duma maior ou menor proximidade com os ofícios qualificados, os operários, metodicamente arrumados nas prateleiras de baixo das grelhas classificatórias, são descritos como um grupo fundamentalmente fechado sobre si próprio.

Àquela imagem, pode porém a sociologia da família contrapor uma outra. Se, em vez de tomarmos como ponto de referência o indivíduo, partirmos antes do grupo doméstico e da família do operário, não só reencontrávamos as clivagens que perturbam a unidade da classe e as evidências do seu relativo fechamento, como ainda deparamos com significativos sinais de abertura - a outras classes (quer a montante como a jusante), a outros universos profissionais (ao lado).

Notas

- 1 Esta é uma versão escrita e aprofundada da comunicação apresentada num Seminário organizado pelo Instituto de Estudos Europeus no Instituto de Ciências Sociais, em Junho de 1991, cujo tema genérico era: "Valores e representações: classes, família e espaços sociais". Feita em vésperas da defesa de uma tese de doutoramento, devo referir que esta reflexão beneficiou de discussões e críticas que então recebi de João Ferreira de Almeida (o seu orientador) e Maria Manuel Vieira: aos dois agradeço a disponibilidade e a sabedoria.

- 2 Este tópico e os seguintes encontram-se desenvolvidos com uma maior profundidade em : Ana Nunes de Almeida, *A fábrica e a família: família operária no Barreiro* (dissertação de doutoramento em Sociologia), Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 1990.
- 3 A investigação norte-americana tem sistematicamente excluído a variável "classe social" (à semelhança, aliás, de outras estratégicas variáveis macro-sociais) das suas "middle range theories" sobre a família. Enraizando-se numa forte tradição psicológica e económica, centrada na noção de "troca" e privilegiando um olhar interno sobre a família, nela se procura sobretudo estudar a dinâmica das "interacções familiares" - entre indivíduos detentores de recursos e papéis particulares, associados sobretudo ao sexo e à idade. Não se faz, em todo o caso, a ponte entre família e estrutura social ou família e devir histórico. Consulte-se, para um esclarecimento mais aprofundado, o que podemos considerar o "órgão oficial" da sociologia da família norte-americana, o *Journal of Marriage and the Family*.
- 4 Referimo-nos, designadamente, a: M. V. Cabral. "Situação do operariado nas vésperas da implantação da República", *Análise Social*, 1977, 13 (50), p.419-499; *O operariado nas vésperas da implantação da República (1909-1910)*, Lisboa, Presença-Gis, 1977; F. Medeiros, *A Sociedade e a Economia Portuguesas nas Origens do Salazarismo*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1978; M. Filomena Mónica, "Indústria e Democracia: os operários metalúrgicos de Lisboa". *Análise Social*, 1982, 18 (72-73-74), p.1231-1277; "Poder e Saber: os vidreiros da Marinha Grande". *Análise Social*, 1981, 17 (67- 68), p. 505-571; "Uma aristocracia operária: os chapeleiros (1870-1914)". *Análise Social*, 1979, 15 (60), p. 859-945.
- 5 Abordámos detalhadamente estas e outras questões que se prendem com o estatuto teórico usualmente concedido à "família operária" no artigo, "A fábrica e a família - para uma sociologia das famílias operárias", *Análise Social*, 1986, 22 (91), p. 279-312.
- 6 P. Goubert, "Family and province: a contribution to the knowledge of family structures in early modern France", *Journal of Family History*, 1977, 2 (3), p.191.
- 7 Consultar, para o caso português, por exemplo, J. Ferreira de Almeida. *Classes Sociais nos Campos: camponeses parciais numa região do Noroeste*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1986; J. Ferreira de Almeida et. al.. "Famílias, estudantes e universidade - painéis de observação sociográfica", *Sociologia - Problemas e Práticas*, 1988, 4, p. 11-44; M. das Dores Guerreiro "Entreprise et mariage - le cas des petits entrepreneurs portugais", comunicação apresentada ao Colóquio "Familles et Contextes Sociaux", organizado pelo GREF no ISCTE, em Abril de 1991.
- 8 J. F. Almeida, op. cit., p.98.
- 9 A constatação da diversidade das experiências de industrialização, impondo a prioridade de análises a nível local, contagiou inclusivamente certas abordagens históricas em países, como é a Grã-Bretanha, onde as características paradigmáticas da revolução industrial a fizeram o modelo de todas as outras. Consulte-se, por exemplo, P. Hudson (ed.), *Regions and Industries - a perspective on the industrial revolution in Britain*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989.
- 10 A título de exemplo, notemos que estes dois ramos de actividade absorviam, por si só, cerca de 70% da população activa com profissão residente no Concelho do Barreiro nos anos de 1950 e 1960. Mesmo nas décadas de 70 e 80, já numa fase de relativo declínio, esse valor rondava os 50%. - cf. *Recenseamentos Gerais da População e Anuários Estatísticos* para esses anos. Consultar, para uma completa visão geral do contexto económico da bacia do Tejo, M. Alfreda Cruz, *A margem sul do estuário do Tejo: factores e formas de organização do espaço*, Lisboa, 1973.
- 11 Sugestiva expressão que surge frequentemente na Imprensa local a propósito da vila ribeirinha, ao longo dos anos 20 e 30.
- 12 Cf. *Recenseamentos Gerais da População* para esses anos.
- 13 Com efeito, apenas em 1989 as coligações partidárias lideradas pelo PCP (FEPU/APU/PEV) perderam, com 47% dos votos, a maioria nas eleições autárquicas. Entre 1976 e 1986 essa votação oscilou entre os 58 e os 62% - cf. Ministério da Administração Interna, *Eleições para os órgãos das Autarquias Locais - 1976, 1979, 1982, 1986 e 1989*.
- 14 Ver, por exemplo, de E. Olin Wright. *Classes*, Londres, Verso, 1985; do mesmo autor "Varieties of marxist conceptions of class structure", *Politics and Society*, 9 (3), 1980.
- 15 Cf. K. Marx e F. Engels, *A Ideologia Alemã*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1965; *A luta de classes em França, 1848-1850*, Coimbra, Centelha, 1975; *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, Coimbra, Centelha, 1975. E ainda, M. V. Cabral, *O Proletariado: o nome e a coisa*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1983.

- 16 É de registar, aliás, que os estudos em profundidade das estratégias familiares e experiências de trabalho de corticeiros e operários da Companhia União Fabril (que antecederam, no tempo, a realização do Inquérito e a reconstituição sistemática de genealogias) já nos haviam prudentemente alertado para a simplicidade abusiva desta imagem.
- 17 Foram difíceis e desoladores, efectivamente, os contactos que ensaiámos com as empresas industriais do Barreiro. À excepção de uma única, todas as outras recusaram fornecer-nos elementos (ex: uma lista exaustiva de moradas dos seus operários) que permitissem construir essa amostra probabilística. Optámos, então, por realizar uma sondagem por quotas. Foi aqui decisiva a cumplicidade do Dr. Rui Banha, sociólogo na altura a trabalhar na Câmara Municipal do Barreiro. Aproveito para lhe voltar a agradecer o apoio que nos concedeu.
- 18 Num único aspecto, porém, a homogeneidade e a ortodoxia tendem a impôr-se com uma força decisiva. As actuais estratégias de fecundidade dos casais operários barreirenses, quaisquer que sejam as suas origens e posições sociais, tendem a coincidir: uma esmagadora maioria, e ao contrário da geração operária anterior, possui hoje uma reduzidíssima descendência. As famílias de 3 ou mais filhos (representando 9% na amostra) tornaram-se uma autêntica raridade - cf. *infra*.
- 19 Cf., por exemplo, P. Bourdieu "Espace social et génèse des "classes", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.ºs 52/53, 1984; A. Desrosières, A. Goy e L. Thévenot, "L'identité sociale dans le travail statistique - la nouvelle nomenclature des professions et catégories socio-professionnelles". *Economie et Statistique*, 152, 1983.
- 20 Cf. P. Bourdieu, *La Distinction*. Paris, Minuit, 1977.
- 21 Cf. A. Desrosières et. al. *art. cit.*
- 22 Curiosamente, aliás, o avanço da escolarização nestas três gerações captadas na amostra faz-se lentamente e por patamares. Se não considerarmos as clivagens que o local de nascimento e a idade introduzem também nos resultados globais, podemos dizer que o analfabetismo atingia, na geração dos pais de Ego (os actuais operários barreirenses) proporções consideráveis: cerca de 48% dos pais e 67% das mães eram analfabetos ou nunca frequentaram uma escola. Já entre a actual população operária, pelo contrário, o analfabetismo foi praticamente erradicado (na amostra, apenas 9 operários em 1017 declararam não saber ler nem escrever), enquanto mais de metade (53%) possui o ensino primário completo e uma percentagem significativa (35%) já frequentou a escola em escalões superiores ao ensino básico. Finalmente, na geração dos filhos, e para além de se ter esbatido a desigualdade entre os sexos (no que respeita ao acesso mas também à frequência da escola) uma outra barreira foi surpreendentemente ultrapassada: alguns jovens entram na Universidade e aí concluem um curso superior.
- 23 Um autor como Maurizio Gribaudi chega a conclusões semelhantes, após o estudo da comunidade e das trajectórias operárias numa cidade industrial como Turim, nos inícios do séc. XX. Consultar do autor: "Espace ouvrier et parcours sociaux: Turin dans la première moitié du siècle", *Annales E.S.C. Ouvriers et Paysans*, 1987, 42 (2), p. 243-265; *Itinéraires Ouvriers - Espaces et groupes sociaux au début du XXème siècle*, Paris, Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1987.